

**“O lugar em que estás é terra santa”:
(Ciber)espaço sagrado nas romarias de Juazeiro do Norte, Ceará¹**

Débora Silva COSTA²
Universidade Federal do Cariri - UFCA

RESUMO

Tempo e espaço são noções que, tradicionalmente, têm sido percebidas de formas diferentes pela religião e pela mídia, domínios onde prevalecem interpretações sagradas e profanas, respectivamente. Com a mídiatização da sociedade, essas fronteiras tornam-se mais fluidas, as mídias e outros campos sociais, como a religião, passam a estabelecer uma relação de interdependência. O objetivo do presente artigo é compreender a mídiatização se dá em um espaço e tempo religiosos específicos: as romarias em Juazeiro do Norte - CE. Para isso, o trabalho conta com uma metodologia híbrida baseada em observação direta, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas. Além da constatação da alta frequência de uso de celulares pelos fiéis nas romarias, os resultados apontam para um menor uso dentro das igrejas durante as missas.

PALAVRAS-CHAVE: Religião; Mídiatização; Juazeiro do Norte; Romarias.

Introdução

“Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, pois o lugar em que você está é terra santa” (BÍBLIA - Êxodo 3:5). Assim ordenou a voz de Deus a Moisés, segundo a narrativa bíblica, e então tornou-se consagrado aquele monte no qual o divino se comunicara com a humanidade. A partir de Jerusalém, Santiago de Compostela, Vaticano, Meca e de outras tantas terras consideradas santas, as divindades continuam a falar para os milhões de fiéis diaspORIZADOS pelo mundo. Espaços sagrados que remetem a épocas áureas “do puro carisma, da experiência direta do tempo da salvação, do sagrado selvagem” (PASSOS, 2006, p. 53), e cujo retorno físico representa também um retorno espiritual.

No Brasil, Juazeiro do Norte - CE é a segunda “terra santa” mais visitada: recebe até 600 mil fiéis a cada romaria, ficando atrás apenas de Aparecida do Norte - SP em fluxo de peregrinos. Para além das divindades tradicionais do catolicismo, o romeiro

¹ Trabalho apresentado na DT 8 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Professora substituta do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri – UFCA. E-mail: debora-s.costa@hotmail.com

busca em Juazeiro do Norte um outro santo que, embora nunca canonizado pela Igreja (pelo contrário, esteve excomungado há até bem pouco tempo³), foi adotado pelos nordestinos como “santo popular”. Cícero Romão Batista (1844 - 1934), popularmente conhecido como “Padim Ciço”, foi um padre católico na região do Cariri, uma figura controversa por seu envolvimento com política, coronelismo e até com o cangaço. Mas o evento que o tornou reconhecido nacionalmente foi o “milagre da hóstia” que, ao ser ministrada à beata Maria de Araújo, transformou-se em sangue na boca da religiosa. Mais de um século depois, o “Juazeiro do Padre Cícero” emancipou-se e fez crescer ao seu redor uma região metropolitana, fruto principalmente do turismo religioso.

O roteiro da fé delimita o espaço das romarias. É constituído por diversos pontos de peregrinação, percorridos sacrificialmente pelos que rogam por milagres ou que agradecem por graças alcançadas em nome do santo. Entre templos, museus, monumentos e túmulos, destaca-se a estátua do padre na colina do Horto, que em breve será acompanhada por um letreiro de inspiração hollywoodiana com os dizeres “Juazeiro - capital da fé”⁴. “É assim que Juazeiro do Norte se apresenta como a cidade que tem marcos suficientemente fortes, construídos ou simbolicamente carregados de significações. [...] Espaços sagrados, em torno dos quais se amplia a aura e o conceito de sacralizado se distende” (CARVALHO, 1998, p. 92).

O calendário da fé marca o tempo das romarias. É constituído por diversas datas de peregrinação, cumpridas religiosamente pelos que desejam tanto reverenciar os eventos passados como também tornar-se participantes dessa história que continua a ser escrita. Entre as festividades principais estão a Romaria de Candeias (fevereiro), as Romarias de aniversário (março) e de morte (julho) do Padre Cícero, a Romaria de Nossa Senhora das Dores (setembro) e a Romaria de Finados (novembro). “Tempo marcado pelos sinos, que trazem de volta a dimensão do sagrado. Sinos que badalam em diferentes tempos, de diversas igrejas. [...] Sinos que alegres, graves ou solenes enchem a cidade desse tom de festa, reflexão ou piedade” (CARVALHO, 1998, p. 117).

Na terra santa de Juazeiro do Norte, “espaço e tempo se imbricam como se fossem o mesmo tecido, como se constituídos pela mesma matéria” (CARVALHO, 1998, p. 116).

³ Fonte: Vaticano perdoa punições a padre Cícero, diz chanceler do Crato. G1 Ceará. 13 dez. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/12/igreja-catolica-se-reconcilia-com-padre-cicero-santo-popular-no-ceara.html>> Acesso em: 19 mai. 2018.

⁴ Fonte: Juazeiro do Norte terá letreiro estilo Hollywood ao custo de R\$ 1,5 milhão. G1 Ceará. 31 dez. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/juazeiro-do-norte-tera-letreiro-estilo-hollywood-ao-custo-de-r-15-milhao.ghml>> Acesso em: 19 mai. 2018.

Mas não é só de igrejas que vive a “capital da fé”; o profano também revela-se como elemento constituinte, nos mercados, nos parques, nos restaurantes, nas casas de shows, nos bares, nos motéis. Depois da penitência, “o romeiro agora festeja e não tem medo do pecado, porque sabe que será absolvido” (CARVALHO, 1998, p. 117). É dessa dissolução das fronteiras entre o profano e o sagrado que “vem a riqueza de uma Juazeiro do Norte, em que as tradições se atualizam para permanecer e incorporam novos elementos” (CARVALHO, 1998, p. 95).

Religião midiaticizada e mídia sacralizada

O sagrado compreende tudo que é considerado majestoso, honrado, venerado, exclusivo, separado e, em alguma medida, também proibido (STRONG, 2000). A religião, como um domínio divino, é organizada principalmente em torno dos elementos sagrados, sendo suas marcas “a retenção, o pudor, o respeito ou o fervor, em uma palavra, o escrúpulo (*religio*)” (DERRIDA, 2000, p. 36). A vivência da experiência religiosa pressupõe um posicionamento no tempo e no espaço, onde “o corpo é um elemento intermediário para se chegar ao contato com o religioso. Mas não é qualquer corpo: é o corpo preparado, de alguma maneira, para entrar em contato com os elementos sagrados” (MARTINO, 2016, p. 117).

“Para o homem religioso, o espaço e o tempo não são homogêneos nem contínuos. Assim, participar de uma experiência religiosa implica a saída da configuração espacial e temporal ordinárias e a reintegração no espaço e no tempo sagrado” (MIKLOS, 2012, p. 81). O espaço sagrado da religião tradicionalmente exige a presença em um lugar ritual reservado. Dessa forma, “para um crente, uma Igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ele se encontra” (ELIADE *apud* MIKLOS, 2012, p. 81). O tempo sagrado da religião tradicionalmente exige a reserva de uma ocasião ritual específica. Esse rito funciona como uma “atualização do *in illo tempore* religioso, quando o tempo das origens eclode no hoje como uma oferta de salvação para os fiéis” (PASSOS, 2006, p. 53).

O profano compreende tudo que é considerado humano, comum, natural, cotidiano, público e laico. Nos setores eclesiásticos, porém, o termo foi largamente difundido com um sentido negativo, como algo impuro, corrompido, pecaminoso, irreligioso e blasfemo (STRONG, 2000). A mídia, sendo por essência “um ambiente antropológicamente qualificado” (POMPILI *apud* SPADARO, 2012, p. 17), cada vez

mais tem se tornado parte integrante da vida humana, principalmente em se tratando das novas mídias, “mas precisamente os computadores e outras tecnologias capazes de rede” (MIKLOS, 2012, p. 11). Esse domínio midiático digital, no entanto, abrange muito mais que “meros canais transportadores de significados. [...] Existe agora, pelo contrário, uma ‘cultura articulada em torno dos meios e tecnologias’ [...], uma nova configuração social ampla” (SBARDELOTTO, 2012, p. 133 e 134).

“Este novo espaço midiático proposto fere os princípios da necessidade mítica, pois tempo e espaço, outrora vivos, réplica do universo criado pelos deuses, surgem como imagens da mídia, quebrando esta unidade ativa da participação de todos no mesmo lugar” (MIKLOS, 2012, p. 141). O espaço profano das mídias revolucionariamente dispensa o corpo, evidenciando a ubiquidade. “A desterritorialização é a marca da chamada sociedade moderna, dominada pela mobilidade, pelos fluxos, pelo desenraizamento e pelo hibridismo cultural” (MIKLOS, 2012, p. 81). O tempo profano das mídias revolucionariamente flexibiliza o instante, evidenciando a simultaneidade. “O homem contemporâneo recorre à comunicação virtual, inaugurando um tempo virtual infinito que foge às leis da mortalidade” (CONTRERA *apud* MIKLOS, 2012, p. 66).

É importante reconhecer que, apesar das inúmeras tentativas já feitas de definir estes conceitos (sagrado e profano, religião e mídia), sua complexidade atual não cabe nestas caixas. “O espírito pós-moderno⁵ é inteiramente menos excitado do que seu adversário moderno pela perspectiva [...] de cercar o mundo com uma grade de categorias puras e divisões bem delineadas” (BAUMAN, 1998, p. 208). Ao invés disso, temos que o sagrado e o profano na contemporaneidade deixam de ser polos opostos e distantes; agora permutam-se, amalgamam-se, vivem pacífica ou conflituosamente, mas convivem. A noção da presença divina em tudo e em todos (panenteísmo) tem como consequência a negação das separações e dualidades. “Nesse contexto, os templos, os ritos, os dogmas vêm perdendo importância [...], porque a ênfase deve estar posta na ação, no cotidiano. As fronteiras entre o profano e o sagrado se diluem” (SIQUEIRA, 2008, p. 438).

Assim, a mesma modernidade que, de um lado, possibilita o florescimento de uma forma tão revolucionária de comunicação social, por outro, é a mesma que tem reconfigurado domínios os mais tradicionais, como a própria religião. Estes campos que,

⁵ “Mesmo os que rejeitam o termo pós-moderno não deixam de convir que há algo novo na modernidade, tanto assim que sentem a necessidade de adjetivá-la. Ora ela é tida como modernidade radical, como em Giddens (1991); ora como modernidade líquida, como em Bauman” (MIKLOS, 2012, p. 92).

em sua essência, não podiam ser mais distintos, passam, então, a formar um conglomerado complexo, numa relação de interdependência. O casamento entre religião e mídias resulta em mudanças de ambos os lados: opera-se uma “dupla contaminação entre a esfera do religioso e a midiática, isto é, os formatos midiáticos se apropriam de elementos do ritual religioso, submetendo-os a uma estética própria, e, simultaneamente, a religião midiática e a mídia é sacralizada” (MIKLOS, 2012, p. 9). Podemos extrair daí dois fenômenos:

A mídia religiosa e a religião midiática. O primeiro é a transformação da tecnologia em objeto de idolatria, com conseqüente perda da distância crítica. O segundo é o surgimento e o rápido crescimento de seitas que lançam mão de poderosos canais da mídia. (BAITELLO *apud* KLEIN, 2007, p. 127)

Dizer que a mídia sacraliza-se equivale a pensá-la como tornando-se um domínio sagrado, adquirindo atributos divinos. “É típico de nossa sociedade contemporânea uma espécie de encantamento narcotizante dos meios. [...] As mídias não se constituem mais apenas no espaço que foi apropriado pelas religiões, mas elas mesmas podem gerar uma nova espécie de religiosidade” (KLEIN, 2007, p. 126). Em relação à dimensão do espaço, a ubiquidade da mídia pode ser equivalente ao atributo divino da onipresença. “Onipresente é aquele ou aquilo que está em todos os lugares em todos os tempos. É também o não lugar” (MIKLOS, 2012, p. 85). Em relação à dimensão do tempo, a simultaneidade da mídia pode ser equivalente ao atributo divino da eternidade. “A eternização é uma estratégia de fuga da mortalidade, que se torna possível graças à sua escolha pelo espaço virtual” (MIKLOS, 2012, p. 66).

Dizer que a religião midiática equivale a pensá-la como tornando-se um domínio profano, adquirindo características mundanas. “O homem religioso experimenta duas experiências da dimensão espaço-tempo: a dimensão profana e a dimensão sagrada” (MIKLOS, 2012, p. 81). Com a ubiquidade oferecida pelas mídias, a religião amplia a noção de espaço sagrado e, de um local restrito, passa a alcançar o mundo inteiro. “Pessoas buscam na web desfrutar do seu momento de fé em qualquer lugar onde estejam manipulando um computador; tornando-as livres das dificuldades [...] de precisarem estar num templo” (MIKLOS, 2012, p. 81). Com a simultaneidade oferecida pelas mídias, a religião amplia a noção de tempo sagrado e, de um momento limitado, passa a preencher todo o tempo. “O tempo atinge seu ponto de perfeição, que também é o seu ponto de desaparecimento. Porque, naturalmente, um tempo perfeito não tem memória nem futuro” (BAUDRILLARD *apud* KLEIN, 2007, p. 120).

Romarias “em vias de midiatização”

Recentemente o Papa Francisco criticou o uso de celulares tanto por fiéis como por líderes religiosos durante as missas: “Fico triste quando celebro e vejo muitos fiéis com os celulares para cima. Não só os fiéis, mas também sacerdotes e até bispos. A missa não é espetáculo. [...] Lembrem-se: chega de celulares!”⁶, declarou a autoridade máxima da religião católica mundial. À revelia da orientação oficial, os romeiros em Juazeiro do Norte ostentam seus smartphones de última geração sem o habitual temor de profanar os locais e momentos sagrados.

Na vivência da experiência religiosa, os chapéus de palha, sandálias de couro, fitinhas coloridas, terços, velas, imagens, ex-votos, benditos e paus-de-arara são tão imprescindíveis quanto as *selfies*, *lives*, *check-ins*, *feeds*, *stories*, *emojis*, *gifs*, *inbox* e *likes*. Sagrado e profano, divino e humano, religião e mídia, tradição e tecnologia, local e global estão presentes e atuantes nas romarias.

É de onde vem a riqueza de uma Juazeiro do Norte, em que as tradições se atualizam para permanecer e incorporam novos elementos. Incorporação que se confunde com um tecido vivo ou com uma grande teia, onde os vários ingredientes formam uma trama de significados que o romeiro estaria mais interessado em viver do que em interpretar, em elaborar que em decifrar. (CARVALHO, 1998, p. 95)



Imagem 1 – Romeiras fazem *selfie* Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores em Juazeiro do Norte - CE. 2 nov. 2017. Registro próprio.

⁶ Fonte: Papa critica uso de celular entre fiéis e religiosos durante as missas. Site da Agência Brasil - EBC. Por Agência EFE - Cidade do Vaticano. 8 nov. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-11/papa-critica-uso-de-celular-entre-fieis-e-religiosos-durante-missas>> Acesso em: 23 mai. 2018.



Imagem 2 – Romeiro faz *live* na missa de encerramento da Romaria de Finados em Juazeiro do Norte - CE. 2 nov. 2017. Registro próprio.

Em agosto de 2017, este fenômeno passou a ser investigado com mais afinco pelo projeto “A midiatização da fé: ubiquidade comunicacional nas romarias de Juazeiro do Norte”, desenvolvido pela Universidade Federal do Cariri – UFCA em Juazeiro do Norte – CE. Partindo do entendimento da midiatização como um processo, e da sociedade como ainda não completa e uniformemente midiatizada, a pesquisa dedica-se à compreensão das relações entre as tecnologias digitais móveis e este fenômeno da religiosidade popular sertaneja, união que resulta em uma romaria “em vias de midiatização” (VERÓN, 1998).

O calendário de trabalhos do projeto foi definido em três etapas equivalentes às romarias da cidade, cada uma tendo a aplicação de uma metodologia diferenciada. Na Romaria de Finados (2 de novembro de 2017), o grupo atuou com uma observação direta do fenômeno, fazendo um reconhecimento do campo de estudo e registrando impressões. A primeira etapa teve como resultado a constatação do elevado uso dos *smartphones* pelos romeiros, dentro e fora dos tempos, no momento ou no intervalo das missas, para fazer fotografias, vídeos, áudios e postá-los através de aplicativos de mensagens e redes sociais.

Na Romaria de Candeias (primeira semana de fevereiro de 2018), foram aplicados questionários com 278 fiéis, amostra determinada para obter dados quantitativos confiáveis (erro amostral de 5% e nível de confiabilidade de 90%) sobre o nível de midiatização dos romeiros. Os dados coletados na segunda etapa contribuíram na comprovação do alto índice de fiéis que usam celulares durante a romaria (89,2%), na identificação dos tipos de usos e sua frequência, dos aplicativos mais utilizados, e dos destinos dos registros. Além disso, as informações do perfil dos romeiros permitiram a realização de correlações entre uso de celulares e algumas variáveis, como idade (relação

inversamente proporcional: quanto menor a idade, maior o uso) e escolaridade (relação diretamente proporcional: quanto maior a escolaridade, maior o uso).

Por fim, na Romaria de aniversário do Padre Cícero (24 de março de 2018), foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 13 fiéis, selecionados de acordo com perfis pré-determinados por critérios de idade e escolaridade (que mostraram-se mais decisivos no uso ou não dos *smartphones*). Para isso foi elaborado um roteiro contendo dez perguntas abertas, através das quais poderiam ser geradas análises qualitativas sobre o fenômeno. O principal resultado desta última etapa foi a verificação das motivações dos romeiros para utilizarem ou não os celulares nos locais e momentos sagrados, e da compreensão destes sobre a influência da tecnologia na sua experiência religiosa.

Espaço sagrado e Ciberespaço

A partir da fundamentação centrada nas noções de espaço e tempo nas visões da mídia e da religião, o presente artigo prossegue na proposição de uma análise dos resultados obtidos nas fases metodológicas da pesquisa supracitada, mais precisamente os dados obtidos na segunda etapa referentes ao uso de telefones celulares nos ambientes internos e externos da romaria (dentro e fora da igreja), e os depoimentos decorrentes da terceira etapa de entrevistas com os romeiros.

Na etapa de questionários, três entre as 12 perguntas feitas aos romeiros serão aqui analisadas. São as questões 7 (Você usa o telefone celular durante a romaria?), 8 (Durante a romaria, quando você está do lado de fora da igreja, com qual frequência costuma fazer estas atividades com o telefone celular?) e 9 (Quando você está dentro da igreja durante a romaria, com qual frequência costuma fazer estas atividades com o telefone celular?). Nas questões 8 e 9 constavam opções de atividades (ligações / fotos / selfies / vídeos / mensagens de texto ou voz / transmissões ao vivo) e de frequência (nunca / poucas vezes / regularmente / muitas vezes / sempre). Os percentuais resultantes das questões supracitadas podem ser observados na Tabela 1 abaixo. A partir de uma análise quantitativa dos dados obtidos dessas três perguntas, podemos inferir alguns padrões referentes aos comportamento dos romeiros nos espaços tidos por sagrados (dentro da igreja) e fora deles.

USO DO CELULAR FORA DA IGREJA			USO DO CELULAR DENTRO DA IGREJA		
89% dos romeiros usam; 11% não usam			65% dos romeiros usam; 35% não usam		
TIPOS DE USO	SIM	NÃO	TIPOS DE USO	SIM	NÃO
Ligações	62%	38%	Ligações	10%	90%
Fotos	80%	20%	Fotos	63%	37%
Selfies	64%	36%	Selfies	43%	57%
Vídeos	48%	52%	Vídeos	29%	71%
Mensagens	64%	36%	Mensagens	27%	73%
Lives	21%	79%	Lives	9%	91%

Tabela 1 – Dados sobre o uso de telefones celulares pelos romeiros de Juazeiro do Norte – CE nos espaços de dentro e fora das igrejas. Elaboração própria.

A primeira inferência que se pode obter a partir dos dados supracitados é que os romeiros utilizam menos os celulares quando estão dentro das igrejas (65%) do que quando fora destas (89%). Outra conclusão que pode ser tomada é em relação aos tipos de utilização dos celulares: embora todos estes tenham uma diminuição quando dentro dos templos, alguns deles registram uma queda mais significativa. Os usos que revelam maior diferença entre os percentuais de romeiros que estão fora e dentro da igreja são aqueles diretamente relacionados à comunicação: ligações (de 62% para 10%) e mensagens (de 64% para 27%), com reduções de cerca de 40%. Fotografias, selfies, vídeos e lives, categorias que estão mais relacionadas a registros e compartilhamento destes apresentam uma redução média de 20% no uso. Com isso, podemos deduzir que, dentro dos templos, existe entre os romeiros uma tendência à diminuição da comunicação com o mundo exterior.

Na etapa de entrevistas, três entre as dez perguntas feitas aos romeiros serão aqui analisadas. São as questões 7 (Você acha que é uma prática comum hoje em dia os romeiros usarem o telefone celular? Você acha que isso é positivo ou negativo?), 8 (Para você, o que significa usar o celular dentro da igreja para registrar os locais sagrados? É uma atitude que altera em alguma dimensão a relação dos fiéis com a igreja?) e 10 (O papa recentemente pediu que os fiéis parassem de usar o celular durante as celebrações. Você concorda com essa posição do papa? Acha que as pessoas vão realmente parar de

usar o celular?) A partir de uma análise qualitativa das informações fornecidas nessas três perguntas, podemos algumas potivações para os padrões de comportamento dos romeiros nos momentos tidos por sagrados (na hora da missa) e fora destes (intervalo).

Os depoimentos revelaram algumas noções bem diversas entre os fiéis. Algumas das falas das entrevistas serão aqui reproduzidas sem demandar identificação dos romeiros, a fim de enfatizar mais o conteúdo de suas falas. Para os romeiros que afirmaram utilizar o celular durante as romarias, estes aparelhos são percebidos como meios importantes para a comunicação com outros, para busca de informação, para promover evangelização e para o registro de momentos e lugares sagrados. Estes fiéis, no entanto, observam que, ainda que o celular possa ser utilizado no interior da igreja, alguns cuidados devem ser observados, tais como:

- não usar para fins que não sejam sagrados (“Atrapalha se não for assunto da igreja. Mas se for relacionado à missa, à igreja, à romaria, essas coisas, eu acho que não atrapalha.”);
- não usar de forma a atrapalhar as cerimônias (“O pecado é a gente chamar atenção, tipo filmar e botar com o *flash*, essas coisas. Eu num boto, eu desligo o flash pra não incomodar ninguém.”);
- uso restrito a ocasiões especiais (“A não ser que seja uma confraternização alguma coisa, uma primeira comunhão, uma crisma. Então, aí é um momento, assim, único que eu acho que deveria ter a presença de um celular porque é bem fundamental para a ocasião.”);
- não usar para comunicação com outras pessoas (“Se eu vier numa missa comum no dia a dia eu não vou usar o celular, tipo assim, estar me comunicando com alguém falando pelo celular, porque eu acho que atrapalha.”);
- não usar para conectar-se às redes (“Você usar uma coisa que não cabe, assim, pra gente tá enviando numa rede social, por exemplo. Eu acho isso indevido.”);

Para os romeiros mais tradicionais, que não utilizam o *smartphone* durante as romarias, o motivo mais apontado foi o desconhecimento de como funcionam estas novas mídias. Para os romeiros que afirmaram não utilizar o celular durante as missas, estes aparelhos são percebidos como meios que atrapalham as cerimônias, distraem a atenção do momento, incomodam os outros que ali estão, não permitem a dedicação às

divindades, que desrespeitam os locais sagrados. Embora sem uma compreensão teórica do conceito, existe entre os romeiros a noção de uma sociedade midiaticizada.

- “Porque o celular é um vício e ninguém deixa de lado não.”
- “Hoje os jovens, no caso, só querem usar o celular, ou vir para uma pousada onde justamente tem o Wi-Fi.”
- “Porque tem gente que é muito apegada ao celular, não se desliga do celular de jeito nenhum, vive na internet direto e acho que é difícil muita gente se desligar do celular”
- “Não para não [o uso do celular na igreja], eu creio que não, tá muito avançado a tecnologia e eu creio que não para.”
- “Hoje, você sabe, a tecnologia tá muito avançada. Hoje eles estão mais crente com as coisas online do que com padre, com pastor ou qualquer que seja o tipo de religião. Hoje eles estão mais vidrados no WhatsApp.”

Considerações finais

O fenômeno da midiaticização não é exclusividade da relação entre religião e mídia. A noção de midiaticização, na verdade, refere-se a um contexto mais amplo, onde as mídias tornam-se um domínio preponderante na sociedade atual, abarcando e redefinindo todos os outros campos sociais e atuando no desenvolvimento de uma cultura específica.

Compreender a midiaticização como processo social altera o modo de conceber a comunicação e suas questões, pois se vê a multiplicação das estruturas organizacionais da vida social, pluralizando-se, midiaticizando-se. [...] Mais do que apontar a onipresença da técnica, a facilidade de captação e reprodução das informações, pensar na sociedade contemporânea como midiaticizada é compreender um processo social em trânsito, instaurador de novas formas de interação. (SOUSA; PRADO, 2010, p. 61)

No entanto, a partir dos dados estatísticos e dos depoimentos dos romeiros entrevistados, podemos concluir que, apesar da crescente midiaticização das romarias em Juazeiro do Norte –CE, persiste a visão religiosa tradicional, na qual o ambiente da igreja e o tempo da missa ainda são percebidos como tempo e espaço sagrados, e que inspiram sentimentos de respeito.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional**. *International Bible Society*. 2. ed. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2010. Edição trilingue (espanhol, inglês e português).

CARVALHO, Gilmar. **Juazeiro do Norte: Tempo e espaço**. Madeira Matriz: cultura e memória. São Paulo: Annablume, 1998.

DERRIDA, Jacques. **Fé e saber: as duas fontes da “religião” nos limites da simples razão**. In: VATTIMO, Gianni; DERRIDA, Jacques; et al (orgs.). *A religião: o seminário de Capri*. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2000.

KLEIN, Alberto. **Imagens de Culto e Imagens da Mídia**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2007.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia, Religião e Sociedade: das palavras às redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2016.

MIKLOS, Jorge. **Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura**. São Paulo, SP: Ideias & Letras, 2012.

PASSOS, João Décio. **O processo de racionalização religiosa**. In: *Como a religião se organiza: tipos e processos*. São Paulo, SP: Paulinas, 2006.

SBARDELOTTO, Moisés. **Interações em rituais online católicos**. In: *Mídias sociais: saberes e representações*. RIBEIRO, José Carlos; FALCÃO, Thiago; SILVA, Tarcísio (orgs.). Salvador, BA: UFBA, 2012.

SIQUEIRA, Deis. **O labirinto religioso ocidental: da religião à espiritualidade. Do institucional ao não convencional**. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 2, p. 425-462, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922008000200008&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 23 mai. 2018.

SOUSA, Cirlene Cristina de; PRADO, Denise Figueiredo Bastos do. **Midiatização: processo social contemporâneo**. In: ALMEIDA, João Carlos; (org.). *Imagem e Semelhança de Deus na Mídia*. São Paulo, SP: Loyola, 2010.

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede**. São Paulo, SP: Paulinas, 2012.

STRONG, James. E-book **Dicionário Bíblico Strong**. Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri, 2002, 1881 páginas. Disponível em: <<http://versiculododia.wordpress.com/acoes-da-igreja/literatura-gratuita/dicionario-biblico-strong/>> Acesso em: 21 out. 2016.

VERÓN, Eliséo. **Interfaces. Sobre la democracia audiovisual evolucionada.** In: FERRY, Jean Marc *et al.* El nuevo espacio público. Barcelona: Gedisa, 1998. Disponível em:
<<https://www.insumisos.com/lecturasinsumisas/Democracia%20audiovisual%20contemporanea.pdf>> Acesso em: 23 mai. 2018.